AMBIVALÊNCIA MATERNA NO PUERPÉRIO: CONFLITOS ENTRE MATERNIDADE, DESEJO E IDENTIDADE

Nathalya Cristiane de Melo Souza, Lauro Take Tomo.

Universidade do Vale do Paraíba, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, nathalyasouzaa@homail.com, lauro.taketomo@gmail.com.

Resumo

Este artigo discute a ambivalência materna no puerpério a partir de uma perspectiva psicanalítica, compreendendo a coexistência de amor, cansaço, medo, frustração e desejo de preservação de aspectos da vida anterior como parte da complexidade do tornar-se mãe. Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa, de caráter exploratório e narrativo, articulando textos psicanalíticos clássicos e contemporâneos a estudos brasileiros e internacionais sobre a experiência puerperal. A análise indica que a idealização social da maternidade pode dificultar a simbolização de sentimentos contraditórios, favorecendo culpa, silenciamento e percepção de fracasso. A ambivalência, entretanto, não deve ser automaticamente confundida com psicopatologia, pois pode integrar o trabalho psíquico de reorganização identitária e de construção do vínculo com o bebê. Conclui-se que uma escuta clínica não normativa, sustentada pela rede de apoio e atenta à singularidade da mulher, pode favorecer a elaboração dos conflitos próprios dessa transição.

Palavras-chave: Puerpério. Ambivalência materna. Psicanálise. Identidade materna. Maternidade.

Área do Conhecimento: Psicologia.

Introdução

A maternidade constitui uma experiência atravessada por transformações corporais, relacionais, sociais e psíquicas. Embora frequentemente apresentada como realização natural e fonte de felicidade plena, a chegada de um filho pode produzir estranhamento, insegurança, cansaço, perda de referências anteriores e sentimentos contraditórios. No puerpério, a mulher precisa responder simultaneamente às demandas de um bebê dependente e às exigências de reorganização de sua própria vida, o que torna esse período particularmente relevante para a compreensão dos processos subjetivos envolvidos no tornar-se mãe (Campos; Féres-Carneiro, 2021).

Uma das dimensões mais importantes dessa experiência é a ambivalência. Amar o bebê não impede a presença de sentimentos de exaustão, irritação, saudade da vida anterior, necessidade de afastamento ou desejo de preservar outros aspectos da própria identidade. Estudos contemporâneos mostram que a ambivalência pode fazer parte da experiência de mulheres que se tornam mães, especialmente quando as expectativas normativas sobre a maternidade entram em confronto com a realidade cotidiana do cuidado (Raneberg; MacCallum, 2024). No contexto brasileiro, pesquisas também apontam que o puerpério pode ser vivido com sofrimento e instabilidade emocional, mesmo quando a maternidade foi desejada e idealizada (Campos; Féres-Carneiro, 2021).

Na perspectiva psicanalítica, a existência de sentimentos opostos não constitui, por si só, evidência de falha no vínculo materno. Freud (1915) reconhece a ambivalência como fenômeno presente na vida psíquica, enquanto Klein (1935) enfatiza a coexistência de amor e agressividade nas relações objetais. Winnicott (1956/1983), por sua vez, descreve a preocupação materna primária como um estado temporário de intensa sensibilidade às necessidades do bebê, cuja sustentação depende de condições ambientais favoráveis. Essas contribuições permitem compreender o puerpério como um período de intensa mobilização afetiva, no qual a mulher não deixa de ser sujeito para tornar-se apenas função materna.

Este artigo tem como objetivo analisar a ambivalência materna no puerpério sob a perspectiva psicanalítica, discutindo sua relação com a transformação identitária, as perdas simbólicas e a idealização da maternidade. Busca-se, ainda, refletir sobre as implicações clínicas de uma escuta capaz de acolher sentimentos contraditórios sem reduzi-los automaticamente à patologia.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa. A escolha dessa abordagem possibilitou reunir e articular contribuições da Psicanálise e estudos contemporâneos sobre a experiência do puerpério, a ambivalência materna, as transformações identitárias e os processos de reorganização psíquica envolvidos no tornar-se mãe.

O levantamento bibliográfico contemplou obras clássicas da teoria psicanalítica e produções contemporâneas, brasileiras e internacionais, selecionadas por sua pertinência ao problema investigado. O corpus teórico reuniu autores como Freud, Klein e Winnicott, em diálogo com pesquisas e produções sobre a vivência puerperal e a experiência da maternalidade. Entre as produções contemporâneas consideradas, destacam-se Campos e Féres-Carneiro (2021), Ferrari (2022), Prata e Cintra (2017), Visintin, Schulte e Aiello-Vaisberg (2021), Grillo et al. (2024) e Raneberg e MacCallum (2024), além das contribuições de Badinter (1985) e Iaconelli (2019) para a compreensão histórica, social e psicanalítica da maternidade.

A análise do material foi organizada a partir de quatro eixos temáticos: (1) ambivalência materna e idealização da maternidade; (2) transformação identitária e perdas simbólicas decorrentes da experiência de tornar-se mãe; (3) desamparo, necessidade de sustentação ambiental e importância da rede de apoio; e (4) implicações para a escuta e a prática clínica. A partir desses eixos, buscou-se estabelecer articulações entre os conceitos psicanalíticos e os achados das pesquisas selecionadas, considerando a singularidade da experiência materna e evitando interpretações normativas acerca do exercício da maternidade.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica narrativa, não foram realizadas entrevistas ou intervenções com participantes. A discussão foi construída a partir da leitura crítica e da articulação dos referenciais selecionados, buscando compreender a ambivalência não como sinal automático de inadequação materna, mas como possível expressão dos conflitos e transformações subjetivas que acompanham o puerpério.

Resultados

A literatura analisada converge na compreensão de que tornar-se mãe implica uma reorganização subjetiva que não se reduz à aquisição de uma nova função social. Campos e Féres-Carneiro (2021), em estudo qualitativo com dez mulheres, identificaram o puerpério como um período idealizado, mas vivido com sofrimento e instabilidade emocional. Entre os elementos destacados pelas autoras estão o *baby blues*, a importância da rede de apoio e a diferença entre as expectativas construídas antes do nascimento e a experiência concreta do cotidiano com o bebê. Esses achados ajudam a compreender por que sentimentos ambivalentes podem emergir mesmo quando a maternidade foi desejada.

Raneberg e MacCallum (2024), em estudo qualitativo com mães de primeira viagem, investigaram diretamente a experiência e os significados atribuídos à ambivalência materna. A pesquisa contribui para deslocar a ambivalência do lugar de simples problema a ser eliminado, mostrando que a experiência de tornar-se mãe pode envolver simultaneamente sentimentos positivos e negativos. Essa coexistência precisa ser considerada dentro das circunstâncias relacionais e culturais em que a maternidade acontece.

Na literatura psicanalítica, a ambivalência encontra sustentação em uma concepção não idealizada do vínculo. Klein (1935) descreve a presença de tendências amorosas e agressivas nas relações com os objetos, enquanto Freud (1915) reconhece a ambivalência como característica da vida pulsional. Aplicadas com cautela à experiência puerperal, essas formulações permitem compreender que a relação com o bebê não se constitui a partir de afetos exclusivamente positivos. A possibilidade de reconhecer sentimentos contraditórios pode ser parte do processo de simbolização necessário à construção de uma relação suficientemente estável.

Outro eixo identificado foi a relação entre ambivalência e idealização da maternidade. Badinter (1985) questiona a ideia de um amor materno natural, universal e invariável, mostrando a dimensão histórica e cultural das expectativas dirigidas às mulheres. Visintin, Schulte e Aiello-Vaisberg (2021), ao analisarem "*mommy blogs*" brasileiros, encontraram um imaginário que tende a explicar sofrimentos

maternos predominantemente pela via biológica, atribuindo-os a hormônios e neurotransmissores. Essa leitura pode contribuir para apagar a dimensão relacional e subjetiva do sofrimento.

A idealização produz uma assimetria entre a mãe que a mulher imagina ser e a mãe que consegue efetivamente sustentar nas condições concretas de sua vida. O confronto entre o bebê imaginado e o bebê real pode produzir frustração, culpa e estranhamento. Nesse sentido, a ambivalência pode funcionar como uma expressão da distância entre ideais e experiência, especialmente quando a mulher acredita que sentimentos negativos invalidam sua capacidade materna.

Também se observou a importância da sustentação ambiental. Winnicott (1956/1983) compreende a preocupação materna primária como condição temporária de intensa adaptação às necessidades do bebê. Entretanto, esse estado não significa que a mãe deva permanecer isolada ou autossuficiente. O ambiente precisa oferecer condições para que ela possa exercer os cuidados sem perder completamente o acesso à própria subjetividade. Campos e Féres-Carneiro (2021) igualmente ressaltam a importância da rede de apoio na experiência puerperal.

Por fim, a literatura indica que a ambivalência deve ser diferenciada de quadros psicopatológicos. O sofrimento puerperal pode apresentar manifestações transitórias e esperadas, mas sintomas persistentes, intensos ou incapacitantes exigem avaliação clínica. Grillo et al. (2024) mostram que fatores como vulnerabilidade socioeconômica, violência e ausência de suporte estão associados à saúde mental de gestantes e puérperas no Brasil. Assim, reconhecer a legitimidade da ambivalência não significa minimizar sofrimento grave; significa evitar que todo conflito materno seja patologizado antes de ser escutado.

Discussão

A análise da literatura permite compreender a ambivalência materna como uma experiência situada na interseção entre conflito psíquico, transformação identitária e condições concretas de maternagem. O nascimento do bebê inaugura uma nova configuração na vida da mulher, mas não implica o desaparecimento de sua identidade anterior. Ao tornar-se mãe, a mulher passa a ocupar uma nova posição subjetiva, ao mesmo tempo em que permanece mulher, filha, companheira, profissional e sujeito desejante. Nesse sentido, a experiência puerperal pode envolver tanto a construção de novas referências quanto a elaboração de perdas relacionadas à vida anterior, tornando a ambivalência uma expressão possível da complexidade dessa transição.

Ferrari (2022), ao discutir psicanaliticamente a experiência da maternalidade, destaca que tornar-se mãe pode produzir uma ruptura importante nas referências que organizavam a identidade da mulher, exigindo um trabalho de elaboração diante das transformações vivenciadas. A autora compreende a maternalidade como uma experiência capaz de mobilizar assombro, regressão, sofrimento e reorganização subjetiva. Essa perspectiva permite considerar que sentimentos aparentemente contraditórios, como alegria e tristeza, amor e irritação, desejo de proximidade e necessidade de afastamento, não devem ser compreendidos isoladamente, mas como manifestações que podem coexistir durante o processo de construção do lugar materno.

A ambivalência também pode ser relacionada à distância entre a maternidade idealizada e a experiência efetivamente vivida. Quando a mulher encontra dificuldades para corresponder à imagem de uma mãe permanentemente disponível, paciente e satisfeita, sentimentos comuns da experiência puerperal podem ser interpretados como sinais de fracasso pessoal. Campos e Féres-Carneiro (2021) evidenciam que, embora o puerpério seja frequentemente idealizado, sua vivência pode envolver sofrimento, instabilidade emocional, dificuldades de adaptação e necessidade significativa de apoio. Dessa forma, a existência de sentimentos negativos não invalida necessariamente o desejo pela maternidade nem o vínculo estabelecido com o bebê.

A contribuição de Winnicott (1956/1983) é especialmente relevante para essa discussão, sobretudo por permitir pensar a maternagem para além de uma lógica de perfeição. A noção de mãe suficientemente boa não corresponde à ideia de uma mãe que atende integralmente e de maneira contínua a todas as necessidades do bebê, mas à possibilidade de oferecer cuidados suficientemente adequados dentro de condições reais, incluindo falhas, adaptações e reparações. A preocupação materna primária, embora descreva um estado de intensa sensibilidade às necessidades do bebê, não deve ser convertida em um ideal normativo de disponibilidade absoluta. Quando essa formulação é interpretada de maneira prescritiva, pode contribuir para que a mulher compreenda qualquer afastamento, cansaço ou desejo próprio como inadequação.

Essa problematização aproxima-se das contribuições de Iaconelli (2019), que discute o mal-estar produzido pelos ideais contemporâneos de maternidade e pelas expectativas sociais dirigidas às mulheres. A idealização pode dificultar a circulação de sentimentos que não correspondem à imagem socialmente esperada da mãe, favorecendo culpa, silenciamento e isolamento. Nessa perspectiva, a ambivalência não deve ser analisada apenas como uma característica intrapsíquica, mas também em relação ao contexto cultural no qual a experiência materna se desenvolve. A mulher pode sofrer não apenas pelos conflitos próprios da maternidade, mas também pela exigência de demonstrar satisfação, competência e disponibilidade constantes.

A partir dessa compreensão, as perdas simbólicas envolvidas no puerpério não precisam ser entendidas como abandono definitivo da identidade anterior. Elas podem corresponder à necessidade de elaborar mudanças na rotina, na autonomia, na relação com o próprio corpo, na disponibilidade para o trabalho, nos vínculos conjugais e sociais e na forma como a mulher reconhece a si mesma. Ferrari (2022) ressalta que a experiência de tornar-se mãe pode envolver a perda de referências identitárias anteriores e, simultaneamente, a construção de novas formas de reconhecimento de si. A ambivalência pode, portanto, expressar justamente a coexistência entre aquilo que foi perdido, aquilo que permanece e aquilo que ainda está sendo construído.

Nesse processo, torna-se importante considerar que a relação com o bebê não se constitui exclusivamente a partir de sentimentos positivos. A teoria psicanalítica oferece elementos para compreender a coexistência de tendências amorosas e agressivas na vida psíquica, sem que essa coexistência determine, por si mesma, a qualidade do vínculo. Freud (1915) reconhece a ambivalência como elemento presente na vida pulsional, enquanto Klein (1935) enfatiza a coexistência de amor e agressividade nas relações objetais. Transposta com cautela para a experiência materna, essa perspectiva permite questionar a expectativa de que o amor pelo filho deva excluir qualquer sentimento de irritação, frustração ou desejo de afastamento.

A forma como esses sentimentos são recebidos pelo ambiente parece desempenhar papel importante em sua elaboração. Quando a mulher encontra espaços de acolhimento nos quais pode falar sobre sua experiência sem ser imediatamente julgada, a ambivalência pode ser simbolizada e integrada à experiência materna. Em contrapartida, quando esses sentimentos são moralizados ou compreendidos como evidência de incapacidade, podem intensificar culpa e sofrimento. Prata e Cintra (2017) ressaltam a importância do apoio e do acolhimento à mulher que se torna mãe, destacando a relevância de uma escuta que considere as vicissitudes singulares da experiência da maternidade.

Essa discussão também evidencia a importância da sustentação ambiental proposta por Winnicott (1956/1983). A possibilidade de dedicar-se aos cuidados do bebê não depende exclusivamente dos recursos internos da mulher, mas também das condições que o ambiente oferece para que ela possa ser cuidada enquanto cuida. A rede de apoio, portanto, não constitui apenas um recurso prático para divisão de tarefas, mas pode funcionar como elemento de sustentação psíquica diante das exigências do puerpério. Campos e Féres-Carneiro (2021) igualmente apontam a importância da rede de apoio na experiência puerperal, indicando que a presença ou ausência de suporte interfere na forma como as mulheres vivenciam esse período.

Essa dimensão social torna-se ainda mais relevante diante dos achados de Grillo et al. (2024), que identificam a associação entre diferentes fatores psicossociais e a saúde mental de gestantes e puérperas no contexto brasileiro. Vulnerabilidades socioeconômicas, violência, ausência de suporte e outras condições concretas podem ampliar o sofrimento experimentado nesse período. Assim, uma compreensão contemporânea da ambivalência materna precisa evitar a individualização excessiva do sofrimento, reconhecendo que a experiência psíquica está relacionada às condições relacionais e sociais nas quais a maternidade é exercida.

Do ponto de vista clínico, essas considerações indicam a importância de uma escuta que não tenha como objetivo eliminar a ambivalência, mas possibilitar que a mulher possa atribuir sentidos àquilo que experimenta. Prata e Cintra (2017) contribuem para essa perspectiva ao enfatizarem uma escuta sustentada pelo acolhimento diante das vicissitudes da maternidade. O trabalho clínico pode favorecer a nomeação de sentimentos que permanecem difíceis de comunicar, permitindo que a mulher reconheça desejos, conflitos, perdas e necessidades sem que sua experiência seja imediatamente submetida a julgamentos morais sobre o que significa ser uma “boa mãe”.

É importante, entretanto, estabelecer uma distinção entre a ambivalência como dimensão possível da experiência materna e situações de sofrimento psíquico que demandam avaliação e acompanhamento especializado. Reconhecer que sentimentos contraditórios podem fazer parte do puerpério não significa minimizar sintomas persistentes, intensos ou incapacitantes. Os achados de

Grillo et al. (2024) reforçam a necessidade de atenção às condições que podem aumentar a vulnerabilidade à ocorrência de sofrimento psíquico no período perinatal. Dessa forma, a escuta não normativa deve caminhar conjuntamente com a capacidade clínica de identificar quando o sofrimento ultrapassa aquilo que pode ser compreendido como parte das oscilações próprias da experiência puerperal.

Por fim, compreender a ambivalência materna a partir de uma perspectiva psicanalítica contribui para uma concepção menos idealizada e mais complexa da maternidade. Tornar-se mãe implica transformação, mas não exige o desaparecimento da mulher enquanto sujeito de desejos, relações e projetos próprios. A preservação de espaços de subjetividade pode coexistir com o cuidado do bebê e favorecer uma experiência materna menos marcada pela culpa e pela exigência de perfeição. Nessa perspectiva, a ambivalência deixa de ser compreendida exclusivamente como algo a ser eliminado e passa a ser considerada como uma manifestação possível dos conflitos, das perdas e das transformações implicados no processo de tornar-se mãe.

Conclusão

A ambivalência materna pode ser compreendida como uma dimensão possível da experiência do puerpério, marcada pela coexistência de sentimentos, desejos e conflitos. A perspectiva psicanalítica permite compreender que essas manifestações não significam, necessariamente, ausência de vínculo ou inadequação materna, mas podem expressar as transformações subjetivas envolvidas no tornar-se mãe.

Nesse sentido, uma escuta clínica acolhedora e não moralizante pode favorecer a elaboração desses conflitos e reduzir sentimentos de culpa e inadequação, considerando a singularidade de cada mulher. Ressalta-se, ainda, a importância de diferenciar a ambivalência própria da experiência materna de situações de sofrimento psíquico que demandem acompanhamento especializado.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAMPOS, Paula Azevedo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Sou mãe: e agora? Vivências do puerpério. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 32, e200211, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-6564e200211.

FERRARI, Rachele da Silva. *Maternidade, assombro e elaboração: reflexões psicanalíticas sobre a vivência da maternalidade*. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2022.tde-15082022-135319.

FREUD, Sigmund. A pulsão e seus destinos (1915). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

GRILLO, Maria Fernanda Ronchetti et al. Análise de fatores associados à saúde mental em gestantes e puérperas no Brasil: uma revisão da literatura. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 73, n. 2, e20230098, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/0047-2085-2023-0098.

IACONELLI, Vera. *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Zagodoni, 2019.

KLEIN, Melanie. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1935). In: KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PRATA, Alcimeri Kühl Amaral Veiga; CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. Apoio e acolhimento à mulher que se torna mãe: uma escuta psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 34-50, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p34.3.

RANEBERG, Agne; MACCALLUM, Fiona. 'Living in two worlds': a qualitative analysis of first-time mothers' experiences of maternal ambivalence. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, v. 42, n. 5, p. 934-948, 2024. DOI: https://doi.org/10.1080/02646838.2023.2206842.

VISINTIN, Carlos Del Negro; SCHULTE, Andréia de Almeida; AIELLO-VAISBERG, Tania Maria José. "Meus hormônios me enlouquecem": investigação psicanalítica com mommy blogs brasileiros. *Psicologia USP*, v. 32, e180117, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-6564e180117.

WINNICOTT, Donald Woods. A preocupação materna primária (1956). In: WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.